

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

Luiz Fernando Soares da Cunha

**O CRESCIMENTO NO NÚMERO DE INVESTIDORES PESSOAS FÍSICAS
NA BOLSA DE VALORES EM 2020.**

RIO DE JANEIRO

2021

LUIZ FERNANDO SOARES DA CUNHA

**O CRESCIMENTO NO NÚMERO DE INVESTIDORES PESSOAS FÍSICAS
NA BOLSA DE VALORES EM 2020.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Luiz Antônio Ochsendorf Leal

RIO DE JANEIRO

2021

LUIZ FERNANDO SOARES DA CUNHA

**O CRESCIMENTO NO NÚMERO DE INVESTIDORES PESSOAS FÍSICAS
NA BOLSA DE VALORES EM 2020.**

Monografia apresentada à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aprovado por:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luiz Antônio Leal (Orientador) – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aprovado em:

Grau:

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Cirley Soares e José Eduardo Cunha.

Agradeço aos meus irmãos João e Henrique.

E gostaria de agradecer aos amigos Heitor Pinheiro, Murilo Luis, Carlos Alberto, Natan, João Victor, Gabriel Martins e Matheus Silva pela confiança em todos esses anos. São pessoas excelentes.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Luiz Fernando Soares da Cunha, venho declarar que:

1) Esta monografia é resultado de minha própria capacidade intelectual e organizacional e que todos os créditos de fontes de informação de terceiros estão indicados de acordo com a metodologia científica;

2) Estou ciente das implicações legais do Art. 184 do Código Penal Brasileiro (Decreto-Lei 2848 de 7 de dezembro de 1940 - violação dos direitos do Autor) no que diz respeito às condutas ilícitas de fraude ou plágio. Nenhuma parte desta pesquisa foi apresentada anteriormente em qualquer outra qualificação;

3) Nenhuma parte desta pesquisa foi apresentada anteriormente em qualquer outra qualificação;

Rio de Janeiro, RJ, / / 2021.

Luiz Fernando Soares da Cunha

RESUMO

CUNHA, Luiz Fernando S.. **O crescimento no número de investidores pessoas físicas na bolsa de valores em 2020**. 2021. 30 folhas. Monografia (Bacharel em Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

O presente estudo tem o objetivo de dissertar acerca do crescimento no número de investidores pessoa física na bolsa de valores brasileira em 2020, apresentando o perfil desses investidores, motivos para a variação ocorrida neste ano e riscos a que os investidores estão sujeitos ao investir na bolsa de valores, muitas vezes influenciados por personalidades em redes sociais e também pela falta de conhecimento relacionado a educação financeira, não desenvolvido adequadamente no ambiente educacional.

Palavras – chave: investimentos, bolsa de valores, educação financeira.

ABSTRACT

CUNHA, Luiz Fernando S.. **O crescimento no número de investidores pessoas físicas na bolsa de valores em 2020**. 2021. 30 folhas. Monografia (Bacharel em Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

This study aims to discuss the growth in the number of individual investors in the Brazilian stock market in 2020, showing the investors profile, reasons for the variation occurred this year and the risk that the investor are subject to while investing in the stock market, mainly due to influence of personalities in social media and the lack of knowledge related to financial education, not fully developed in the educational environment

Keywords: investments, stock market, financial education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução no número de investidores de renda variável nos últimos 10 anos.....	20
Tabela 2: Evolução no número de investidores de renda variável 2018-2020.....	20
Tabela 3: Perfil por faixa etária	21
Tabela 4: Motivo/razão para investir	22
Tabela 5: Onde o investidor aprende a investir	22
Tabela 6: Onde o investidor costuma se informar sobre investimentos	23
Tabela 7: O quanto disposto investidor está para investir com base em recomendações dessas fontes	23
Tabela 8: Como ocorre o processo de escolha e análise de investimentos.....	24
Tabela 9: Evolução da diversificação de posições na B3 por produto	24
Tabela 10: Diversificação da posição de ativos.....	25
Tabela 11: Motivos para resgatar o investimento atual.....	25
Tabela 12: Vida média do investidor.....	26

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Revisão de literatura.....	12
2.1. Educação Financeira.....	12
2.2. Economia Brasileira.....	13
2.3. Modalidades de investimentos.....	14
2.3.1. Caderneta de Poupança.....	14
2.3.2. Renda Fixa.....	15
2.3.2.1. Certificados e Recibos de Depósitos Bancários.....	15
2.3.2.2. Títulos públicos.....	15
2.3.2.3. Debêntures.....	15
2.3.3. Renda Variável.....	16
2.3.3.1 Ações.....	16
2.3.3.2 Fundos de investimentos.....	18
2.3.3.3 Fundos imobiliários.....	18
3. Processo migratório.....	19
3.1. Perfil dos investidores.....	21
3.2. Riscos.....	26
3.2.1. Perdas.....	26
3.2.2. Influenciadores.....	26
3.2.3. Preparo psicológico.....	28
4. Considerações finais.....	28

1. INTRODUÇÃO

A educação em Finanças Pessoais é um assunto em constante desenvolvimento e está cada vez mais em pauta pela sua ligação direta nas decisões econômicas dos indivíduos e famílias. Através dela é possível interpretar o diagnóstico da situação financeira atual, realizar controles de gastos, decisões de poupar e investir e como atender as necessidades contemporâneas e futuras do indivíduo ou da família. Fazer economias sem planejamento adequado é deixar de aproveitar as oportunidades que o mercado oferece. É necessário ter o conhecimento sobre as diversas formas de investir o capital disponível para selecionar a que se enquadra melhor ao perfil de cada investidor.

A falta de controle no orçamento financeiro, decorrente, na maioria das vezes, da falta de informação e de planejamento financeiro, tem sido um dos fatores que afeta a saúde financeira dos consumidores em âmbito global (Wisniewski 2011). O presente estudo visa apresentar um panorama da movimentação em massa vista em 2020 relacionada às práticas de investimentos. Segundo o Raio X do Investidor Brasileiro, estudo realizado pela ANBIMA com o apoio do Datafolha, no começo de 2018, 56% dos brasileiros já declaravam interesse em investir em produtos financeiros até o final deste ano. No entanto, chegando em 2019, os números mostraram que a expectativa não correspondeu à realidade: apenas 8% da população conseguiu aplicar em produtos de investimento no período.

Ana Leoni, superintendente de Educação e Informações Técnicas da ANBIMA destaca que a digitalização do mercado financeiro continua sendo importante para a democratização do acesso aos produtos, no entanto, o contato presencial ainda tem força e papel essencial no processo de investir.

Em outubro de 2020 a B3 informou que o número de investidores ativos na bolsa de valores brasileira atingiu, após mais de um século de existência, a marca de 3 milhões de pessoas físicas cadastradas, em um reflexo do movimento crescente de migração para o mercado de capitais. Trata-se de uma democratização do investimento em ações. Com o trabalho da própria B3, da CVM, plataformas de investimento, casas de análise, influenciadores, algumas empresas, e da mídia especializada, cada vez mais os brasileiros vêm tendo contato com a renda variável.

Para Gabriela Mosmann, analista CNPI da SUNO Research, a marca de 3 milhões é resultado de um conjunto de fatores, que incluem tanto a taxa básica de juros a mínimas históricas quanto a divulgação da educação financeira.

O recorde representa uma evolução na cultura formada para investimentos no mercado de capitais, estimulada pela preocupação com as finanças pessoais e adaptação às opções mais rentáveis de investimentos, uma vez que a poupança, que antes costumava ser destino principal das reservas de dinheiro da população brasileira, não gera ganhos que atendam aos interesses dos poupadores. Como motor desse movimento, pode ser visto o avanço da tecnologia e a queda da taxa Selic até o nível mais baixo de todos os tempos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Segundo Greenspan (2002, p.2), citado em Amadeu (2005, p.20), a educação financeira tem utilidade para dotar os indivíduos com conhecimento financeiro necessário para elaborar orçamentos, iniciar planos de poupança, e fazer investimentos estratégicos auxiliando nas tomadas de decisões. O planejamento financeiro pode ajudar as famílias a cumprirem suas obrigações a curto prazo e a longo prazo, e maximizar seu bem estar e é especialmente importante para as populações que tem sido tradicionalmente subentendidas pelo nosso sistema financeiro.

O sistema capitalista fomenta o consumo exacerbado, estimulando o indivíduo a sempre consumir invés de poupar e acumular capital. Muitos brasileiros, ainda sendo profissionalmente bem-sucedidos, se encontram em situações de dívidas uma vez que não possuem controle adequado sobre a própria renda.

De acordo com Wisniewski (2011), o ponto crucial da educação financeira está no desenvolvimento do hábito da poupança, tendo como perspectiva que a maior parte da renda das famílias são destinadas ao consumo. Tendo em vista essa afirmação, é possível destacar que a educação financeira é uma alternativa para a mudança radical na vida do indivíduo.

Segundo Frankenberg (1999), o planejamento financeiro pessoal tem objetivos semelhantes aos de grandes corporações, pois ambos buscam crescimento de seus respectivos patrimônios e geração de riqueza. E na concepção de Ross, Westerfiel e Jaffe (1995), o planejamento financeiro é um aspecto importante das atividades-fim nas entidades e famílias, pois mapeia os caminhos para guiar, coordenar e controlar as ações em prol do objetivo.

Wisniewski (2011) ressalta a importância da popularização do mercado de capitais ao afirmar que na bolsa de valores pode-se encontrar produtos que atendem aos mais diferentes perfis de investidores, do tradicional ao arrojado, no que se refere aos fatores liquidez, segurança e rentabilidade, aspectos estes, que otimizam um investimento.

2.2. ECONOMIA BRASILEIRA

A economia brasileira na última década, incluindo 2020, foi ruim do ponto de vista de crescimento econômico. Isso foi influenciado por uma forte recessão, recuperação lenta e, ao final, pelo coronavírus.

Ocorreram alguns choques negativos nesses anos, como a greve dos caminhoneiros em 2018, o rompimento da barragem de rejeitos em Brumadinho, crise argentina e incerteza internacional, com a guerra comercial entre EUA e China, em 2019, que tiraram alguns pontos percentuais do crescimento brasileiro. As perspectivas para 2020 eram positivas, de uma retomada um pouco mais forte da economia brasileira, com o PIB crescendo por volta de 2,0% neste ano. Porém, este cenário era anterior ao coronavírus. Com esta crise sanitária, que gerou forte impactos na economia, a recessão no Brasil e no mundo foi histórica em 2020. As expectativas de mercado, segundo o boletim Focus, indicam uma queda de 6,5% da atividade econômica brasileira neste ano, número próximo da projeção do IBRE (-6,4%). (Balassiano, 2020)

As projeções iniciais de 2020 se concretizaram. A crise gerada pela pandemia do novo coronavírus impactou fortemente a economia mundial e a sociedade. A necessidade de isolamento social derrubou os principais setores da economia. Os principais prejudicados foram as industriais e o setor de serviços.

A diferença entre oferta e demanda corrente na economia, desvalorização da moeda e retomada economia de outros países repercutiram afetando a inflação no Brasil. O mercado de trabalho também foi fortemente afetado. O desemprego atingiu 14,6% no terceiro trimestre de 2020, abrangendo 14,1 milhões de brasileiros. E dentre os trabalhadores que conseguiram manter seus empregos, cerca de um terço do total tiveram suas jornadas de trabalho reduzidas.

A dívida pública alavancou com os gastos federais destinados a combater os efeitos da pandemia. Segundo o tesouro nacional, em dezembro de 2020 a dívida somou o montante de R\$ 615 bilhões.

Outro fator econômico fortemente afetado pela economia foram os investimentos. No segundo trimestre de 2020 os investimentos tiveram uma retração de 15,4%. Sem perspectiva em relação a melhora da situação sanitária, diversos empresários postergaram qualquer tipo de expansão do negócio. Além disso, muitos investidores liquidaram suas posições a fim de manter dinheiro em caixa, medida comum em casos de emergência. Já no terceiro trimestre, houve um crescimento de 11% nos investimentos, representando 16,2% do PIB.

Os diversos cortes na Selic, que já vinham ocorrendo desde 2019, gerou um processo migratório entre as opções de investimentos no Brasil. Nesse cenário, os investimentos em renda fixa, considerados mais conservadores, perderam atratividade e muitas pessoas passaram a buscar alternativas com retorno maior.

2.3. MODALIDADES DE INVESTIMENTOS

Existem diversas alternativas de investimentos para pessoas físicas. Para conhecer a opção que melhor se enquadra ao perfil, o investidor deve explorar o mercado, conhecendo os benefícios de cada modalidade e seus riscos. Apesar de não ser obrigatório a ajuda de profissionais para auxiliar nesta escolha pode ser fundamental, dependendo do nível de conhecimento do investidor sobre o mercado financeiro. Abaixo vemos modelos de investimentos disponíveis para pessoas físicas no Brasil.

2.3.1. Caderneta de Poupança

Uma forma de investimento de baixo, é o modelo mais tradicional no Brasil. Nela os valores depositados na conta são aplicados automaticamente, possui liquidez diária e remuneração mensal.

Trevizan, Karina. Apesar dos rendimentos menores na comparação com outros investimentos, a poupança continua sendo a modalidade favorita entre os brasileiros que guardam algum dinheiro. Segundo pesquisa da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), essa é a escolha de 65% das pessoas. G1, 2019.

2.3.2. Renda Fixa

2.3.2.1. Certificados e Recibos de Depósitos Bancários

O Crédito de Depósito Bancário (CDB) é um investimento emitido pelas instituições financeiras, de baixíssimo risco que funciona como empréstimo por parte das pessoas físicas para com o banco.

2.3.2.2. Títulos públicos

São títulos de renda fixa pré ou pós-fixados emitidos pelos governos federal, estadual e municipal com o objetivo de captar recursos para complementação orçamentária e, no caso do governo federal, também para a condução da política monetária (LIMA, LIMA e PIMENTEL, 2007, citado em ANDRATTA, PIGOSSO e BADIA, 2010)

2.3.2.3. Debêntures

Títulos de crédito emitidos por uma companhia junto a terceiros. São ofertados para pagamento de dívidas ou financiamento de projetos. As regras relacionadas aos prazos e ao formato da remuneração das debêntures são definidas e registradas desde o momento da emissão pela empresa.

2.3.3. Renda Variável

2.3.3.1. Ações

Ações são títulos emitidos por sociedades anônimas que representam a propriedade de uma fração do capital social da companhia, ou um pedaço de determinada empresa. Na prática, quem investe em ações, torna-se um sócio da companhia, mesmo que em proporção pequena em relação ao controlador, que é chamado de sócio majoritário, participando de seus resultados.

O investimento em ações se baseia na expectativa de ganhos decorrentes ou de sua valorização ou dos rendimentos que proporciona ao investidor. Quem compra ações, mesmo inconscientemente, especula sobre a possibilidade de rendimentos futuros, o comportamento do mercado e a possibilidade de valorização do papel (BOVESPA, 2009).

De acordo com Bruni (2010), citado em Lovato (2011), o mercado de ações é dividido em mercado primário, os IPO (oferta pública inicial de ações), no qual a empresa abre seu capital para obter recursos necessários para financiar suas atividades, lançando pela primeira vez seus ativos no mercado para venda e o mercado secundário, em que acontece às negociações após ter sido realizado a emissão do mercado primário. As negociações de compra e venda de títulos no mercado secundário ocorre na bolsa de valores, no caso do Brasil a B3 (Brasil, Bolsa, Balcão), sendo fiscalizada pela CVM, órgão de controle do mercado de valores mobiliários.

As ações podem ser: (a) ordinárias, que garantem direito a voto nas assembleias da companhia, tendo o investidor o direito de interferir no rumo da empresa, quando detiver a maioria do capital ordinário da companhia. (b) preferenciais, concede preferência na distribuição de dividendos ou em caso de liquidação da companhia, no reembolso do capital investido. Não concedem direito a voto (CERBASI, 2008).

A B3, a bolsa de valores oficial do Brasil, sediada na cidade de São Paulo, opera sob a supervisão da CVM.

A CVM é uma entidade supervisora, responsável por executar as orientações do órgão superior do Sistema Financeiro Nacional, o Conselho Monetário Nacional (CMN) que é responsável pelas diretrizes gerais do mercado, regulando a constituição e regulamentos das instituições financeiras, estabelecendo medidas de prevenção ou correção de desequilíbrios econômicos e formulando a política da moeda e do crédito no país (Bruni, 2009, citado em Lovato, 2011).

Bruni (2009, p. 12), citado em Lovato (2011), destaca como funções da CVM:

- Assegurar o funcionamento eficiente e regular dos mercados de bolsa e de balcão.
- Proteger os titulares de valores mobiliários contra emissões irregulares e atos ilegais de administradores e acionistas controladores de companhias ou de administradores de carteira de valores mobiliários.
- Evitar ou coibir modalidades de fraude ou manipulação destinadas a criar condições artificiais de demanda, oferta ou preço de valores mobiliários negociados no mercado.
- Assegurar ao acesso do público a informações sobre valores mobiliários negociados e as companhias que o tenham emitido.

- Assegurar a observância de práticas comerciais equitativas no mercado de valores mobiliários.
- Estimular a formação de poupança e sua aplicação em valores mobiliários.
- Promover a expansão e o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações e estimular as aplicações permanentes em ações do capital social das companhias abertas.

Os investidores não podem operar com ações diretamente com a B3, para tal é necessário a intermediação de uma corretora de valores.

As Companhias Corretoras de Títulos e Valores Mobiliários (CCTVMs) fazem a aproximação entre os negociantes dos títulos e valores mobiliários.

Alguns aspectos que devem ser levados em consideração: disponibilidade de homebroker; ferramentas para análise de ativos e informativos constantemente atualizados sobre o mercado; valores cobrados na corretagem; valor da taxa de custódia mensal; acesso facilitado para o cliente tirar dúvidas existentes (Chat, telefone, visita pessoal, fórum, e-mail); o mix de produtos entre outros serviços. (Lovato, 2011)

A taxa de corretagem é a alíquota cobrada por corretoras pelos serviços de intermediação entre o cliente e o mercado financeiro. Nos últimos anos as corretoras começaram a reduzir ou remover esta cobrança, gerando uma guerra de preços e aumentando a competitividade entre as concorrentes.

Esta guerra de preço tem o objetivo de atrair pequenos investidores, principalmente as pessoas físicas, que adentram cada vez mais na Bolsa de Valores após os cortes na taxa Selic.

A competição de preços entre corretoras beneficia o cliente pessoa física que investe pequenas quantias e acaba sendo o mais impactado pelas alíquotas embutidas nos serviços. Para Carol Stange, educadora financeira, zerar a taxa de corretagem deixa mais claro quanto o investidor está efetivamente ganhando com cada aplicação.

2.3.3.2. Fundos de investimentos

Fundos mútuos funcionam como um grupo de investidores que se unem para realização de investimento financeiro. Sua administração e gestão são realizadas por especialistas, que montam a estratégia de investimento e a carteira de ativo do fundo.

Segundo um artigo de 2020 do jornal InfoMoney, no ano em que a taxa básica de juros na mínima histórica de 2% ao ano provocou mudanças profundas nos hábitos de

investimento do brasileiro, os fundos imobiliários encerraram 2020 com 1,172 milhão de investidores com posição em custódia, segundo dados da B3. Desse número, quase a totalidade, ou cerca de 1,166 milhão, é formada pelos investidores pessoa física.

Fortuna (1996) classifica os fundos em:

- Fundos de renda Fixa - baixa volatilidade
- Fundos de renda variável - média/alta volatilidade

Os fundos de renda fixa surgiu nos anos 70. O nome está vinculado ao fato de que, quando se aplica nesses fundos, estão sendo compradas cotas de um fundo que tem em carteira papéis privados de renda fixa, tais como CDB e LC (Letras de Câmbio), e títulos públicos, como LFT (Letra Financeira do Tesouro) e BBC (Bônus do Banco Central). (FORTUNA, 1996, p. 221).

Os fundos de renda variável concentram suas operações em ativos que não sejam títulos de renda fixa, especialmente ações, ou qualquer outro ativo que tenha rendimento variável (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2008).

2.3.3.3. Fundos imobiliários

Fundo de investimento imobiliário (“FII”) é uma comunhão de recursos destinados à aplicação em empreendimentos imobiliários. O FII é constituído sob a forma de um condomínio fechado, visando um determinado objetivo ou retorno esperado, dividindo as receitas geradas e as despesas necessárias para o empreendimento. A administração e a gestão do fundo são realizadas por especialistas contratados.

A dinâmica mais tradicional é que o dinheiro seja usado na construção ou na aquisição de imóveis, que depois sejam locados ou arrendados. Os ganhos obtidos com essas operações são divididos entre os participantes, na proporção em que cada um aplicou.

As decisões sobre o que fazer com os recursos – tomadas pelo gestor do fundo – precisam seguir objetivos e políticas pré-definidos. O sucesso do investimento se dará pela locação das vagas nos imóveis ou ganho na venda do mesmo.

A soma dos recursos compõe o patrimônio, que é dividido em cotas – ou “frações” do fundo. Quem aplica, na verdade, está comprando cotas. O cotista não pode exercer nenhum direito real sobre os empreendimentos do fundo, ao contrário do proprietário de um imóvel de fato. Ao mesmo tempo, também não responde pessoalmente por obrigações

relacionadas a eles. Isso é tarefa do administrador, instituição financeira responsável pelo funcionamento e pela manutenção da carteira.

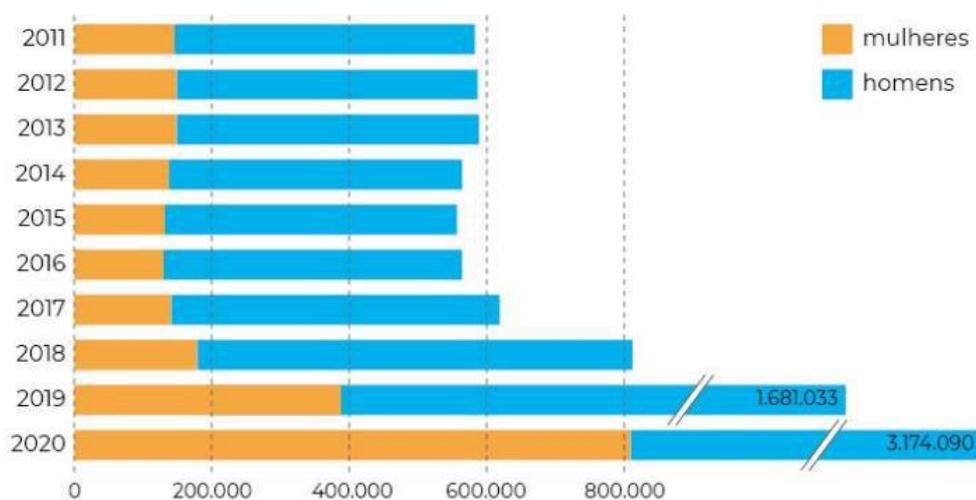
Dentre os benefícios dos FII pode-se citar a redução do custo de financiamento de projetos imobiliários. Isso porque a estrutura de captação de recursos dos fundos de investimento imobiliário ocorre através do mercado de capitais, o que garante acesso direto a recursos de investidores, sem intermediários. Além disso, os rendimentos distribuídos para cotistas pessoas físicas são isentos de imposto de renda.

3. PROCESSO MIGRATÓRIO

Apesar de estarmos longe de uma participação de pessoas físicas na bolsa de valores igual a de mercados mais maduros como nos Estados Unidos, os números brasileiros tiveram um salto relevante nos últimos meses. A isenção de taxas de corretagens, redução da taxa Selic, altas expectativas de ganhos, diversas influências em redes entre outros fatores proporcionaram o alcance de mais de três milhões de investidores em outubro de 2020. Período em que ainda ocorre a pandemia do novo coronavírus.

O crescimento tem sido rápido. O primeiro milhão de investidores foi alcançado em 2019 e em março de 2020 a bolsa de valores já constava com dois milhões de CPF cadastrados. No mesmo ano em que investidores se veem estimulados para trocar a renda fixa pela renda variável o Ibovespa apresentou valorização de 2,92%.

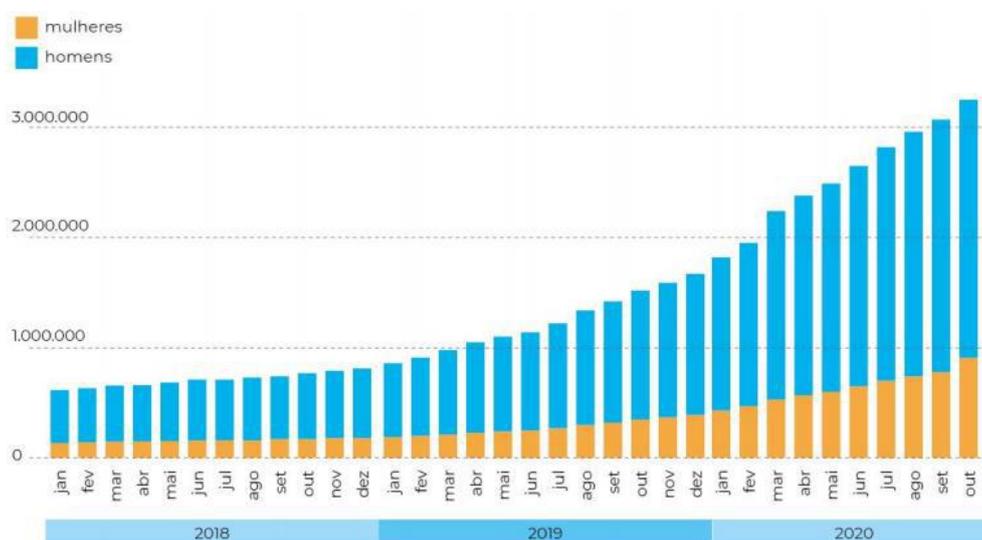
Tabela 1 – Evolução no número de investidores de renda variável nos últimos 10 anos



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

A participação na bolsa de valores não fica restrita à quem tem alto poder aquisitivo. Segundo a própria B3 houve uma queda na média do primeiro valor investido de R\$ 1.916 em outubro de 2018 para R\$ 660 em outubro de 2020. Este dado corrobora para destacar que pessoas com rendas mais baixas estão adquirindo conhecimento acerca do mercado financeiro. Além disso a B3 registrou aumento da proporção de mulheres na bolsa de valores. A participação feminina saltou de 22,06% do total de investidores para 25,47%.

Tabela 2 – Evolução no número de investidores de renda variável 2018-2020



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

3.1.PERFIL DOS INVESTIDORES

Segundo o estudo A Descoberta da Bolsa Pelo Investidor Brasileiro, feito pela B3 em 2020, dentre os brasileiros ingressos na bolsa de valores, 56% possuem renda média de até cinco mil reais mensais. Além disso, 60% não têm filhos, 74% são homens, 51% vivem no sudeste, a média mensal é de 32 anos e 62% trabalham em tempo integral. Esta última informação mostra que grande parte dos investidores não fazem da bolsa de valores a fonte principal de renda, usando-a para preservação de capital ou renda extra, garantindo maior saúde financeira.

Tabela 3 – Perfil por faixa etária

Perfil PF por Faixa etária	Contas			Valor (R\$ bilhões)			%
	HOMENS	MULHERES	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	
Até 15 anos	7,347	5,723	13,070	0.25	0.22	0.47	0.12%
De 16 a 25 anos	322,096	93,099	415,195	3.13	1.11	4.24	1.11%
De 26 a 35 anos	793,390	267,777	1,061,167	25.41	6.72	32.12	8.43%
De 36 a 45 anos	628,346	199,302	827,648	54.33	11.84	66.16	17.37%
De 46 a 55 anos	275,911	103,491	379,402	55.02	14.37	69.39	18.21%
De 56 a 65 anos	177,572	80,655	258,227	63.96	18.06	82.02	21.53%
Maior de 66 anos	132,845	59,486	192,331	98.21	28.38	126.59	33.23%
TOTAL	2,337,507	809,533	3,147,040	300.31	80.68	380.99	

Fonte: B3

Ainda sobre o estudo realizado pela B3 em 2020, 38% dos investidores alegaram que decidiram investir a fim de aprender e aplicar em outras modalidades de investimentos e 33% aderiram a bolsa de valores em busca de investimentos com maiores rentabilidade.

Tabela 4 – Motivo/razão para investir



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

O conhecimento acerca dos investimentos advém principalmente de canais do Youtube e influenciadores. É relevante o impacto do acesso à internet em relação as atividades de investimentos. A internet é, em geral, o principal meio de informação sobre investimentos, acessada através de motores de pesquisa (Google, Bing, Yahoo), Youtube, e-mail, redes sociais, entre outros.

Tabela 5 – Onde o investidor aprende a investir



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

Tabela 6 – Onde o investidor costuma se informar sobre investimentos



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

Além de utilizar as plataformas online para se informar sobre investimentos, as pessoas físicas estão dispostas a seguir as recomendações das mesmas fontes. Isso passa a ser um problema a partir do momento em que o investidor cegamente realiza operações das quais não tem conhecimento, seja relacionado à empresa ou a modalidade de investimento que está utilizando.

Tabela 7 – O quanto disposto investidor está para investir com base em recomendações dessas fontes



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

Tabela 8 – Como ocorre o processo de escolha e análise de investimentos



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

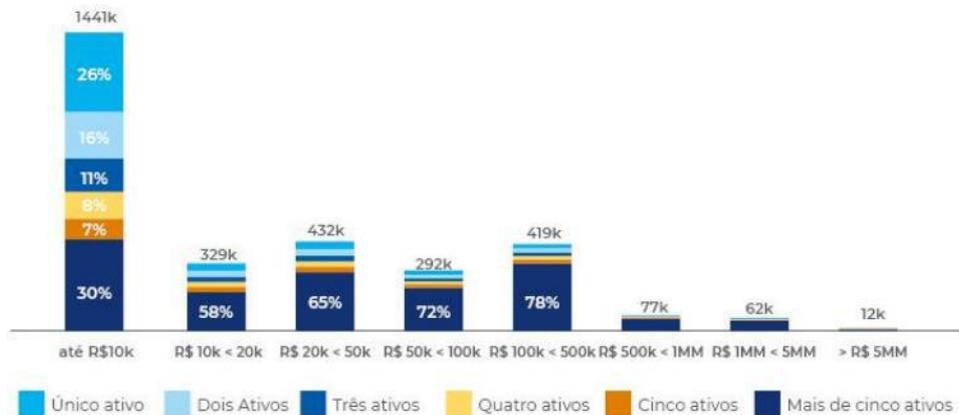
O patrimônio desses investidores se concentra principalmente em ações, que é o investimento mais conhecido e mais visado para aplicações. Em segundo lugar entra os fundos de investimentos imobiliários, que tem crescido consideravelmente ao longo do tempo. O carteira de investidores que possuem saldo de até dez mil reais em geral possuem mais de 3 ativos e 43% dos investidores da pesquisa informam que o valor aportado na bolsa de valores estava alocado em outro investimento antes, sendo 49% na poupança.

Tabela 9 – Evolução da diversificação de posições na B3 por produto



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

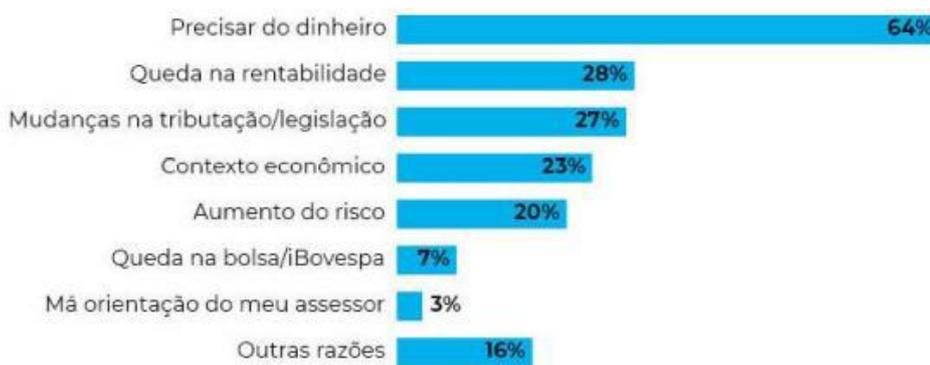
Tabela 10 – Diversificação da posição de ativos



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

Segundo a Pesquisa Pessoa Física 2020: "O acelerado aumento na base poderia levar à suposição de que, por falta de experiência com a renda variável, o investidor sairia correndo em caso de queda da bolsa. Conversando com ele, vimos que essa não é a primeira razão que o levaria a resgatar o valor aplicado. A necessidade de liquidez aparece como a principal causa para 64%."

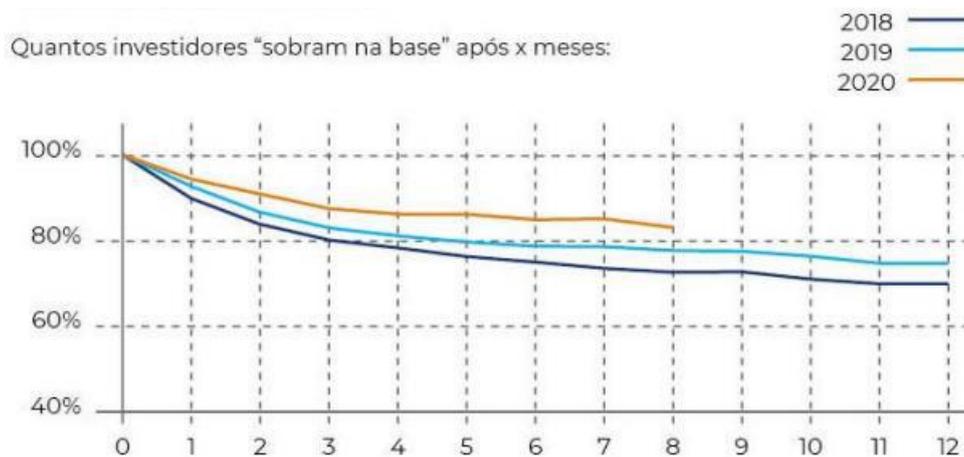
Tabela 11 – Motivos para resgatar o investimento atual



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

Outro dado relevante do estudo é a vida média do investidor, onde é exibido a porcentagem de investidores que se mantêm na bolsa de valores após x meses. A pesquisa mostra que as pessoas que entraram pela primeira vez no mercado à vista em 2020 possuem uma permanência mais longa do que as ingressantes de períodos anteriores. Segundo a B3: "Entre 25% e 30% dos investidores que fizeram esse movimento em 2018, por exemplo, zeraram suas posições após seis meses. Em 2020, esse número reduz para a faixa de 20% a 25%."

Tabela 12 – Vida média do investidor



Fonte: Pesquisa Pessoa Física 2020 - B3

3.2. RISCOS

3.2.1. Perdas

O investidor que inicia as operações na bolsa de valores deve estar ciente da potencial perda do capital investido. Não só isso, existem operações em que o investidor pode perder além do valor aplicado.

É o caso dos minicontratos, que são papéis derivativos. Nessa modalidade de aplicação, geralmente minicontratos do índice ibovespa ou de dólar, não há limites para as perdas, diferente das ações, onde o valor máximo a ser perdido é o montante aplicado.

Segundo um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas em 2019 com base no desempenho de investidores que operaram minicontratos de índice ou dólar entre 2012 e 2017, de todos os investidores que se arriscaram em alguma operação, 92,1% parou em menos de um ano. Dos que seguiram fazendo operações diárias por ao menos 300 pregões 97% perdeu dinheiro e dentre os 3% com saldo positivo, 2,6% ganharam menos do que 300 reais por dia.

O estudo também mostra que quanto mais a pessoa insistiu em operar, maior foi a perda. Um dos responsáveis pelo estudo, o economista Bruno Giovannetti acredita que os resultados do day trade estão mais ligados a sorte do que a técnica.

Os demais meios de operar, além do day trade, também podem trazer prejuízo ao investidor. O desconhecimento pode zerar o capital acumulado do investidor. A tabela 12, acima, exhibe o tempo médio que o investidor se mantém na bolsa de valores. Segundo a B3, 28% dos investidores resgatam o investimento devido a queda na rentabilidade.

3.2.2. Influenciadores

O estudo realizado pela B3 (2020) informa que “a expansão das redes sociais popularizou a figura de influenciadores que se dedicam a falar sobre investimentos pessoais. Muitas vezes, a maneira como eles atuam se aproxima de atividades reguladas, que só podem ser exercidas mediante registro na Comissão de Valores Mobiliários (CVM).”

O problema da influência exacerbada sobre os investidores é o aproveitamento da falta de conhecimento para promoção pessoal do influenciador e, em casos específicos, a manipulação do mercado.

Os investidores estão operando na bolsa de valores realizando apostas sobre o movimento das ações de acordo com informação de influenciadores, sem o conhecimento apropriado da operação.

As notícias recebidas pelos investidores através de redes sociais são atrasadas em relação à velocidade de recebimento das mesmas por grandes instituições financeiras. Além disso, o investidor pessoa física geralmente não consegue fazer a devida operação com base na informação tão rápida quanto grandes investidores do mercado que operam na modalidade de day trade. O investidor em geral não é capaz de aproveitar janelas de oportunidades vindas de alguma informação online, seja de fatos relevantes, jornais online ou redes sociais.

O investidor não deve confiar em influenciadores digitais. Há influenciadores com histórico de divulgação e venda de esquemas que deram prejuízo a milhares de pessoas além de acusações referentes à manipulação de mercado. Influenciadores também estão sendo acusados pela prática de saber a movimentação que outros investidores vão fazer e usar essa informação para lucrar, conhecida como *front running*.

A informação disponibilizada ao pequeno investidor, principalmente via redes sociais não costuma ser valiosa a ponto de ser base para operações na bolsa de valores. O objetivo do influenciador pode ser antecipar o movimento das pessoas que o seguem. Definindo o que deve-se comprar ou vender e influenciar milhares de pessoas a realizar a mesma operação, o influenciador pode estabelecer o mercado para comprar ou vender as suas próprias ações.

A Comissão de Valores Imobiliários, junto do Ministério Público Federal informou estar monitorando práticas desde crimes de manipulação de preços até exercício irregular da atividade de análise de ações por partes de perfis em redes sociais.

3.2.3. Preparo psicológico

O day trade pode ser altamente viciante. Pesquisas indicam que a mesma parte do cérebro ativada por drogas como a cocaína também é ativada quando uma pessoa antecipa um ganho financeiro. Além disso, quanto o melhor o tempo entre a aposta e o resultado, mais viciante se torna a operação.

Um artigo do Financial Times de 2020 apresenta um caso em Illinois - Estados Unidos – que se tornou popular sobre o suicídio do jovem Alex Kearns, de 20 anos, que acreditou ter perdido 750 mil dólares no mercado de opções. Na verdade o jovem havia se confundido e na sua conta tinha um saldo positivo de 16 mil dólares.

O caso releva um dos impactos do aumento das operações de investimentos por pequenos investidores e nos atrativos fornecidos pelas corretoras, como transações sem taxas e a possibilidade de iniciar as operações com baixo capital. Além disso, a interface e usabilidade das corretas as vezes são semelhantes a um videogame ou jogo de cassino.

O artigo cita a visão do professor de finanças do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Andrew Lo, ao explicar que, para muitos jogadores de videogames, especialmente os mais novos, que não costumam investir e não entendem o impacto dos prejuízos e lucros significativos sobre sua psicofisiologia, as consequências podem ser adversas.

De acordo com estudos conduzidos por Lo sobre traders as consequências incluem medo, ansiedade, arrependimento, frustração e decepção, chegando a casos de transtornos pós-traumáticos em pessoas que tiveram grandes perdas logo no começo dos investimentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vigente estudo teve como objetivo principal demonstrar o panorama do crescimento no número de investidores da bolsa de valores brasileira junto de informações acerca do investidor médio partindo do cenário econômico brasileiro e apresentando opções disponíveis de investimentos para a pessoa física.

Apesar das diversas modalidades de investimentos, o brasileiro tem recorrido a bolsa em geral pela esperança de melhor rentabilidade, frente à baixa taxas de juros e influência de mídias sociais.

O estudo também buscou mostrar os riscos a que o investidor está sujeito ao realizar investimentos na bolsa de valores com riscos atrelados quando não há o devido conhecimento do ativo e da operação. Muito brasileiros desistem da bolsa de valores por sofrerem prejuízos em seus investimentos. Além disso, a falta de preparo financeiro afeta não só aqueles que entram na bolsa e perdem dinheiro mas também afeta os que não entram e mantêm seu capital em investimentos defasados, onde a rentabilidade chega a ser abaixo da inflação.

Quando o assunto é a bolsa de valores o indivíduo deve estar preparado e entender que a boa prática de investimentos advém de estudos e paciência. Não existe fórmula mágica de riqueza ao realizar operações de renda variável ou qualquer outro investimento e o investidor iniciante deve estar preparado para os potenciais riscos a serem assumidos.

É necessário analisar o perfil de investidor antes de realizar operações a fim de compreender qual o melhor caminho a ser seguido e o investidor não deve seguir cegamente indicações de investimentos feita por terceiros. A administração de suas próprias finanças é responsabilidade e direito de cada indivíduo. O conhecimento e equilíbrio emocional são peças importantes para o sucesso financeiro.

Referências

WISNIEWSKI, Marina Luiza Gaspar. **A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro.** **Revista Intersaberes**, Curitiba, a.6, n.12, p. 155-172. 2011.

AMADEU, João Ricardo. **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: Proposta de inserção da disciplina na matriz curricular**, 2009, 88 folhas. Mestrado em educação - Universidade do Oeste Paulista.

FRANKENBERG, L. **Seu futuro financeiro**. 8. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

BALASSIANO, Marcel. **Década cada vez mais perdida na economia brasileira e comparações internacionais**. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/artigos/decada-cada-vez-mais-perdida-economia-brasileira-e-comparacoes-internacionais>> Acesso em: 20 de novembro de 2020.

CERBASI, Gustavo. **Investimentos Inteligentes**. Thomas Nelson. 2008

B3. Brasil Bolsa e Balcão. Site oficial. Disponível em <http://www.b3.com.br/pt_br/> Acesso em 1 de julho de 2021.

LOVATO, Bruno Nascimento. **FINANÇAS PESSOAIS: INVESTIMENTOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL**. 2011. 67 Folhas. Monografia (Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina).

FORTUNA Eduardo. **Mercado financeiro: produtos e serviços**. 8 ed. revista e atual. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1996.

ANDRATTA, Anna; PIGOSSO, Denise; BADIA, Mauricio; SCHVIRCH, Eliandro. **ALTERNATIVAS DE INVESTIMENTOS PARA PESSOA FÍSICA: MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2010

CDB. **O que é CDB ? Rendimento do certificado de depósito bancário**. Disponível em: <<https://www.tororadar.com.br/investimentos/cdb-rendimento-o-que-e/>>. Acesso em: 30 de novembro de 2020.

RENDA VARIÁVEL. **O que é renda variável? Veja sete dicas de como investir**. Disponível em: <<https://www.sunoresearch.com.br/artigos/renda-variavel-7-dicas/>> Acesso em: 2 de dezembro de 2020

TESOURO DIRETO. **O que é o tesouro direto**. Disponível em: <<https://www.tororadar.com.br/investimentos/tesouro-direto>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2020

MINISTÉRIO DA FAZENDA. TESOURO NACIONAL. Site Oficial. Disponível em <<http://www.tesourodireto.gov.br>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2020

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Site oficial. Disponível em <<https://www.bcb.gov.br/>>. Acesso em 10 de dezembro de 2020

FUNDOS IMOBILIÁRIOS. **Fundos imobiliários – entenda o que são FIIs e como investir.** Disponível em: <<https://blog.toroinvestimentos.com.br/fundos-imobiliarios-o-que-sao-fiis>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2020

B3. **A DESCOBERTA DA BOLSA PELO INVESTIDOR BRASILEIRO.** Disponível em <http://www.b3.com.br/data/files/DE/47/57/09/B3866710D32004679C094EA8/Pesquisa%20PF_Apresentacao_final_11_12_20_.pdf> Acesso em 13 de janeiro de 2021.

WIGGLESWORTH, Robin, HENDERSON, Richard e PLATT, Eric. **The lockdown death of a 20-year-old day trader.** Disponível em: <<http://www.ft.com/content/45d0a047-360f-4abf-86ee-108f436015a1>> Acesso em 2 de julho de 2021.

ELIAS, Juliana. **Day trade é cassino, muito mais sorte do que técnica, diz pesquisador.** Disponível em:

<<https://invest.exame.com/me/day-trade-e-cassino-muito-mais-sorte-do-que-tecnica-diz-pesquisador>> Acesso em 5 de julho de 2021.

HENRIQUE, Matheus. **CVM está de olho em influenciadores que recomendam investimentos.** Disponível em

<<https://livecoins.com.br/cvm-esta-de-olho-em-influenciadores-que-recomendam-investimentos/>> Acesso em 5 de julho de 2021

BOMBANA, Lucas. **Fundos imobiliários: nº de investidores bate recorde em 2020, mas retorno com dividendos desaba.** Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/onde-investir/fundos-imobiliarios-no-de-investidores-bate-recorde-em-2020-mas-retorno-com-dividendos-desaba/>>. Acesso em 18 de jan. de 2021.

Trevizan, Karina. **65% das pessoas que guardam dinheiro escolhem poupança, diz pesquisa; medo e costume estão entre as justificativas.** Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/educacao-financeira/noticia/2019/06/17/65percent-das-pessoas-que-guardam-dinheiro-escolhem-poupanca-diz-pesquisa-medo-e-costume-estao-entre-as-justificativas.ghtml>>. Acesso em: 05 de jan. de 2021